
Análise da cobertura de problemas ambientais pelo jornal online “Diário de Pernambuco”¹

Natascha Almeida DANTAS²
Allan Soljenítsin Barreto RODRIGUES³
Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM

RESUMO

Este paper expõe os resultados parciais alcançados em pesquisa realizada pelo Grupo de Pesquisa Comunicação, Cultura e Amazônia – Trokano. Esta possui financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O propósito é averiguar a cobertura feita pelo jornal online “Diário de Pernambuco” sobre ciência e meio ambiente. Até este momento, foram completados três dos cinco objetivos específicos propostos. Ao término do estudo, procuramos ajudar com o engrandecimento do acesso a informação ambiental e científica pela população, auxiliando na maneira como as decisões sobre os temas são tomadas.

PALAVRAS-CHAVE: ciência; Diário de Pernambuco; meio ambiente; pesquisa.

1. Introdução

O presente projeto de pesquisa possui como principal objetivo analisar a qualidade da cobertura jornalística sobre problemas ambientais no jornal “Diário de Pernambuco” de Recife (PE). Esta é parte integrante do projeto de pesquisa aprovado no Edital 043/2013 do CNPq “Jornalismo, Ciência e Meio Ambiente na Amazônia”. A pergunta que norteou o estudo se fundamentou em analisar se a imprensa foi capaz de informar de modo eficiente seu público acerca dos fenômenos climáticos e suas consequências no estado de Pernambuco. Esta análise possui o intuito de averiguar se houve qualidade nas informações ambientais e científicas divulgadas por alguns portais do Nordeste em um período de seis meses (setembro de 2017 a março de 2018). Usaremos

¹ Trabalho apresentado na DT 1 - Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 22 a 24 de maio de 2018.

² Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da FIC-UFAM, email: natydantas_13@hotmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor Curso de Jornalismo do FIC-UFAM, email: allan30@gmail.com

ferramentas metodológicas e suportes teóricos de áreas como a Comunicação, o Jornalismo, a Sociologia e a Ciência Política.

A importância da pesquisa se apoia na constatação de que a humanidade pode ser a causadora de sua própria extinção devido às decisões que vêm sendo tomadas. Isso se deve ao modelo capitalista de desenvolvimento econômico adotado pela maioria dos países, o que põe em risco a sobrevivência humana no planeta ao promover exploração insustentável dos recursos naturais e ao poluir o ambiente. A falta de apoio da opinião pública pode ser apontada como motivo para que novos modelos de desenvolvimento econômico não sejam adotados. Com isso, é viável estabelecer relações entre o aumento no nível de informação científica sobre a questão ambiental e a tomada de decisão esclarecida sobre a adoção ou não das medidas necessárias para diminuir o aquecimento global com a efetiva ação governamental.

Buscamos avaliar a qualidade da informação que chega aos leitores como principal resultado verificando se a cobertura jornalística auxiliou na tomada de decisões esclarecidas sobre os impactos da questão ambiental no país. Os resultados irão viabilizar um emparelhamento entre a qualidade do jornalismo científico e ambiental da região e apontar possíveis falhas apontando segmentos para que o conteúdo informativo sobre a questão ambiental e suas vertentes seja qualificado.

2. Fundamentação Teórica

O estudo quali-quantitativo da cobertura analisa a cobertura jornalística sobre meio ambiente e ciência feita pelo jornal online Diário de Pernambuco utilizando o método da análise de conteúdo requer o uso de critérios objetivos. A sugestão da pesquisa foi arquitetada tendo como embasamento o aporte teórico da função do jornalismo nas democracias, de seus princípios gerais e os elementos específicos de seus gêneros ambiental e científico.

Especificar os princípios do jornalismo e as discussões éticas que os transpõem não é tarefa fácil já que se encontram em modificações constantes e não existe consensos moldados formalmente entre a categoria. Por causa disso, optaremos pela proposta de Kovach e Rosenstiel (2003), que após 300 entrevistas com jornalistas organizaram uma lista com oito princípios capazes de proporcionar ao jornalismo alcançar seu propósito. Ao trabalho dos autores adicionamos outras contribuições teóricas de pesquisadores brasileiros da área da comunicação.

-
- **Compromisso com a verdade:** o primeiro compromisso do jornalismo deve ser com a verdade (PENA, 2005). É importante esclarecer que trabalhamos com o conceito de Kovack e Rosenstiel (2003) no qual a verdade jornalística diverge da verdade filosófica, pois a primeira é construída paulatinamente, matéria a matéria, visando o entendimento do fato no todo. A verdade almejada pelo jornalismo é um processo contínuo na procura pela construção da realidade. As pessoas não necessitam de mais contexto e interpretação no relato jornalístico, “elas carecem de síntese e verificação, ou seja, de informações claras, diretas e exatas (verdadeiras), que conduzam a um entendimento do fato” (Kovack; Rosenstiel, 2003, p.125).
 - **Lealdade ao interesse público:** esse princípio nos leva a uma pergunta inicial: para quem trabalham os jornalistas? Uma resposta calcada no modo capitalista de produção indica que são empregados das empresas privadas que enxergam a produção e circulação de informações como negócio rentável, ou seja, o capital. A resposta não está incorreta, porém convém fazer uma ponderação relacionada ao compromisso com a verdade, visto no item anterior. Essa obrigação social do jornalista o leva além dos interesses imediatos de seus patrões e essa mesma obrigação pode ser alavancadora do sucesso financeiro desses mesmos patrões. Chamamos de independência jornalística o fato de o jornalismo ser financiado pelo setor privado, mas servir aos interesses públicos (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003).
 - **A disciplina da verificação:** Aproximar-se da verdade é servir ao interesse público e para isso faz-se necessária uma disciplina de apuração das informações publicadas. Para Kovach e Rosenstiel (2003), essa disciplina da verificação separa o jornalismo do entretenimento, da propaganda, da literatura ou da arte. “Os repórteres devem ser obstinados em sua missão, além de disciplinados na luta para ir além de sua própria perspectiva dos fatos” (p.142). Chaparro (2001), alerta para o fato de que tem ocorrido com certa frequência no atual jornalismo, inundado de acontecimentos planejados e controlados por agentes tão competentes quanto interessados, a renúncia dos repórteres à sua função investigativa e crítica.
 - **Independência das fontes:** para Chaparro (2001), a organização e a capacitação discursiva das fontes é a mais importante modificação ocorrida nos processos jornalísticos nos últimos quarenta anos. A preocupação da influência das fontes

na agenda jornalística se aplica também ao campo da opinião. Kovach e Rosenstiel (2003) advertem que proibições rigorosas não garantirão que um jornalista permaneça livre de engajamentos pessoais ou intelectuais. Trata-se de uma questão de bom senso e de um compromisso inabalável com o princípio da lealdade com a população, em primeiro lugar, que irá evitar a dependência das fontes e, portanto, separar o jornalismo do partidarismo.

- **Ser um monitor independente do poder:** o princípio de guardião do interesse público do jornalismo se aplica tanto às ações do governo quanto aquelas das demais instituições poderosas da sociedade (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003). Cabe aos jornalistas romperem com a concepção de bipolarização (jornalismo *versus* governos) dos conflitos do poder, pois existe sempre um terceiro polo que precisa ser levado em consideração e ganhar identidade: o povo. Na dialética do poder, o terceiro polo está no povo, que oscila entre situação e oposição atraído ora para um, ora para outro dos polos dominantes, por habilidades de sedução ou por imposição de medos. Chaparro (2001, p.38) assinala que “apesar de quase não entrar na pauta jornalística, o povo produz acontecimentos, e com eles conflitos, cultura – fatos, falas, artes e saberes que precisam ser captados, compreendidos, narrados”.
- **Promover um fórum para a crítica e o comentário público:** segundo Kovach e Rosenstiel (2003), convém evitar abordar os lados extremos de um assunto, pois exclui a maioria dos cidadãos e dificilmente são conciliatórios. Quando este princípio não é observado o espaço para o fórum de discussões passa a ser ocupado pelo espetáculo e até mesmo pela ficção. Pena (2005) aponta, nesses casos, uma substituição das discussões de causas públicas e valores éticos por outro em que as representações da realidade interagem com o espetáculo, a simulação e a imagem virtual. Bucci (2000) classifica esse processo de culto as falsas imagens onde o jornalismo se confunde com a literatura de ficção ou com a arte, apesar de sempre ter se beneficiado de seus recursos.
- **Apresentar o significativo de forma interessante e relevante:** esse princípio refere-se a dois aspectos do trabalho jornalístico: a escolha das notícias (o que é significativo) e a produção do texto (tornar as histórias interessantes). Em relação ao primeiro aspecto, Pena (2005) considera que revelar o modo como as notícias são produzidas é mais do que a chave para compreender seu significado, é

contribuir para o aperfeiçoamento democrático da sociedade. “O fato é que os jornalistas se valem de uma cultura própria para decidir o que é ou não é notícia. Ou seja, têm critérios próprios, que consideram óbvios, quase instintivos” (PENA, 2005, p.71). A despeito desses critérios, Wolf (2001) afirma que os jornalistas se baseiam muito mais na capacidade de um fato virar ou não notícia, a qual denomina de noticiabilidade, do que num instinto imponderável. O autor considera ainda, que os jornalistas definem o grau de noticiabilidade de um fato levando em conta outro elemento por ele colocado como valores-notícia.

- **O jornalista tem um dever com sua consciência:** o último, porém não menos importante princípio, preconiza que todos os jornalistas devem ter um sentido pessoal de ética e responsabilidade – uma bússola moral (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003). O profissional da notícia deve perceber que tem uma responsabilidade de dar voz a sua consciência e permitir que outros ao seu redor façam a mesma coisa. A sociedade espera do jornalismo o relato verídico dos acontecimentos e a explicação isenta dos fatos e contextos. Para isso, o comportamento dos jornalistas precisa estar vinculado, não a algum interesse particular em jogo, mas ao interesse público. De acordo com Chaparro (2001, p.73), isso “além de exigir lucidez, coragem e sabedoria, só se resolve no plano da consciência, diante da responsabilidade de tomar decisões que produzem efeitos imediatos e irreversíveis”.

Problematizando o papel do jornalismo científico, Ivanissevich (2005) acredita que cabe a ele possibilitar debates sobre questões polêmicas como a clonagem de embriões, alimentos transgênicos e mudanças climáticas globais. Essa função teria amparo não somente nas responsabilidades éticas da mídia, mas também porque têm apelo popular e asseguram a audiência e a venda do produto (notícia). “Nesse sentido, a mídia tem um papel fundamental: o de manter as pessoas informadas sobre as novas conquistas científicas para que possam se posicionar diante delas” (IVANISSEVICH, 2005, p.25). Bueno (1984) considera que o jornalismo científico cumpre seis funções básicas:

- **Função informativa:** está implícita na própria conceituação de jornalismo científico, ou seja, a divulgação de fatos e informações de natureza científica e

tecnológica, permitindo ao cidadão comum inteirar-se das novas descobertas das ciências e das suas implicações políticas, econômicas e socioculturais;

- **Função educativa:** o jornalismo científico deve estar atento ao fato de que em muitos casos ele é a única fonte popular de informação sobre ciência e tecnologia;
- **Função social:** manifesta-se pela preocupação em situar a informação científica e tecnológica num contexto mais amplo. Ela prevê o debate dos temas e da tecnologia à luz das aspirações da sociedade e faz coincidir os interesses com os objetivos da produção e da divulgação científica;
- **Função cultural:** o jornalismo científico deve trabalhar em prol da preservação e valorização da cultura nacional e repelir qualquer tentativa de agressão aos nossos valores culturais;
- **Função econômica:** cabe ao jornalismo científico exercer o papel de contribuir para aumentar o intercâmbio entre os institutos, universidades e centros de pesquisa nacionais e o setor produtivo;
- **Função político-ideológica:** levando em conta que muitas vezes o jornalismo científico é financiado pelas grandes empresas multinacionais que, através dele informam a opinião pública de suas realizações no campo científico e tecnológico, ele deve evitar funcionar apenas como mero reproduzidor destes interesses e apenas legitimá-los junto à sociedade.

Bueno (2007), chama a atenção para o fato de que o jornalismo ambiental está em fase de construção. O autor considera que o jornalismo científico tradicional muitas vezes está comprometido com uma parcela significativa da comunidade científica, preocupada apenas com a continuidade de suas pesquisas. No campo do jornalismo econômico, a crítica se direciona a sedução exercida pelo modelo agroexportador, pela revolução tecnológica a qualquer preço e da apologia das aplicações rentáveis do capital financeiro sobre as editorias da área econômica. Por fim, repudia a ligação com um jornalismo cultural tipificado pelo domínio das elites e o pouco espaço para o diálogo com os setores populares. Segundo o autor,

Jornalismo Ambiental, que é jornalismo em primeiro lugar, caracteriza-se por produtos (veículos, de maneira geral) que decorrem do trabalho realizado por profissionais que militam na imprensa, ele está definido tanto pelas matérias/colunas/editoriais/cadernos/ sobre meio ambiente publicados na mídia de massa (imprensa de informação geral ou especializada) como nos veículos ou espaços (de produção

jornalística) exclusivamente destinados ao meio ambiente (BUENO, 2007, p.31).

- **Diversidade de fontes:** as reportagens ambientais precisam abrir espaço não somente para os que já possuem espaço de fala nos veículos de comunicação (autoridades, pesquisadores, empresários e políticos), mas também àqueles comumente silenciados pela mídia (entidades de classe, líderes comunitários, integrantes de comunidades afetadas pelos problemas ambientais, etc.). “O jornalismo ambiental deve potencializar o diálogo entre o catedrático e o pescador, entre o agrônomo e o trabalhador rural, o mateiro e o biólogo e não deve estigmatizar a sabedoria dos pajés” (BUENO, 2007, p.14). A escolha das fontes deve ter como fator norteador compatibilizar visões, experiências e conhecimentos contribuindo para uma relação melhor entre homem e meio ambiente.
- **Independência em relação às fontes:** no dia a dia da cobertura ambiental o jornalista não deve escolher os assuntos que irá cobrir com base em sugestões encaminhadas por agências de comunicação, assessorias de imprensa, pesquisadores, ONG’s dentre outros sem antes buscar entender as razões e os interesses que estão por trás delas. Do contrário, como tem acontecido com relativa frequência, terminam tornando-se vendedores de produtos, serviços e ideias às vezes antagônicos ao desenvolvimento sustentável (BUENO, 2007). Tautz (2004), afirma que a independência do jornalismo ambiental em relação às suas fontes permite a ele discutir livremente os rumos de um desenvolvimento que leve em conta as variáveis ambientais. Para o autor, essa postura recupera valores éticos, humanos e sociais do jornalismo estritamente comercial dos conglomerados de informação. “Algo que difira radicalmente do tipo hegemônico de jornalismo que se pratica neste país, em que a agenda de interesses privados se sobrepõe às demandas sociais” (TAUTZ, 2004, p.150).
- **Abrir o espaço para o debate:** este ponto mostra-se associado ao anterior, pois na medida em que a escolha das fontes se dá sob a ótica da diversidade é natural a ocorrência do debate de opiniões entre elas. Quando privilegia fontes do âmbito acadêmico, do universo político (as autoridades) e da comunidade empresarial o jornalista ambiental incorre em uma atitude elitista, autoritária e não democrática

ao retirar o espaço das falas e experiências dos cidadãos comuns (BUENO, 2007). Ao contrário, diz o autor, a reportagem deve contemplar as controvérsias, o debate, o embate de ideias e opiniões, a fim de fugir do formato apenas denunciista marcado pela fragilidade que não agrega valor à cobertura ambiental.

- **Evitar o sensacionalismo:** para Fonseca (2004) “alimentar a neurose coletiva com previsões atemorizantes, além de promover a desinformação, pode de fato levar populações, instituições e governos a optar por soluções enganosas ou contraproducentes”. Importante salientar que não se trata de amenizar questões urgentes ou assumir postura ingênua perante as evidências da degradação ambiental e seus impactos, mas sim estar atento as argumentações dos discursos, por exemplo, tanto dos ativistas quanto das empresas poluidoras.
- **Nem tudo se resume às questões econômicas:** Geraque (2004), considera que o modelo a ser buscado na cobertura jornalística de meio ambiente é aquele que abre espaço para os aspectos sociais e culturais do cotidiano das pessoas, e não apenas os políticos e econômicos.
- **Procurar aliar jornalismo e educação:** perante a crise ecológica das mudanças climáticas, a imprensa precisa assumir a responsabilidade de educar e transformar, e não somente informar. O jornalismo ambiental não pode ser apenas informativo, tem que estar engajado em um modelo de vida sustentável do ponto de vista ecológico social.
- **Evitar a fragmentação da cobertura:** a fragmentação decorrente muitas vezes do sistema de produção jornalística fragiliza a cobertura das questões ambientais (BUENO, 2007). Esse tipo de cobertura leva os jornalistas a um olhar míope sobre a questão ambiental, onde não há preocupação com o contexto das ocorrências, ou seja, as pessoas terminam não sabendo o que aconteceu antes da notícia e suas prováveis consequências (SCHARF, 2004).
- **Caráter revolucionário e engajamento:** a revolução proposta deve ocorrer no comprometimento dos jornalistas com a mudança de paradigmas, uma visão além das aparências e não ser complacente com aqueles que se apropriam da temática ambiental para formar ou reforçar suas imagens. Além disso, uma postura permanente de suspeita em relação aos discursos pretensamente conservacionistas de governos e organizações com fins mercadológicos e propagandísticos

Em relação ao engajamento, ela se justifica diante da necessidade de adesão imediata e permanente à pedagogia da indignação a que se referia Paulo Freire. O autor refere-se à capacidade e a disposição de indignar-se com as injustiças e de dedicar seu trabalho no sentido de, no mínimo, atenuá-las. Aderir ao processo de construção de uma vida sustentável, não significa dar um aval aos jornalistas ambientais para abandonar seus demais compromissos com a ética e o profissionalismo.

3. Descrição Metodológica

A metodologia empregada na pesquisa usará de métodos quali-quantitativos. Empregaremos a análise de conteúdo, já que se apresenta como um dos métodos mais eficientes para rastrear informação por sua admirável capacidade de realizar intercessões sobre aquilo que permaneceu gravado ou impresso (SANTOS, 1997). Dessa forma, será viável conferir outras questões que não são possíveis de analisar somente por meio da investigação do que ficou impresso nas matérias. Buscaremos desempenhar o que indica Melo (2009) ao destacar a importância de realizar pesquisas relevantes sobre problemas fundamentais e explicá-las de maneira compreensível com o intuito de facilitar seu entendimento pelos agentes profissionais que poderão usar seus resultados no interior do sistema produtivo.

Este estudo usará da análise de conteúdo pelo fato de ser empregada como detector de modelos de análise de critérios de noticiabilidade e tendências, agendamentos e enquadramentos. Convém também para detalhar e categorizar produtos, formatos jornalísticos e gêneros, para mensurar características da produção de grupos e organizações, indivíduos, discordâncias e para relacionar o conteúdo jornalístico de mídias divergentes em diversas culturas.

Estando adotada nos pressupostos retratados acima, executaremos a análise do conteúdo jornalístico transmitido pelo jornal online “Diário de Pernambuco”. Este periódico diário foi escolhido por possuir ampla audiência em seu Estado. O método estará constituído na coleta e estudo de textos jornalísticos publicados no período de setembro de 2017 a março de 2018 sobre problemas ambientais em Pernambuco com o intuito de realizar implicações perante seus conteúdos e formatos encaixando-os em categorias de análise. Os princípios escolhidos na apuração dos textos estão no fato de envolverem referências a problemas ecossistêmicos e fazerem parte do gênero

informático do jornalismo em seus modelos de reportagem e notícia retratados por Melo (2010).

Os princípios para a categorização da análise de conteúdo das reportagens tiveram fundamentação nos princípios gerais do jornalismo (KOVACH e ROSENSTIEL, 2003) e dos seus subgêneros ambiental e científico (BUENO, 1984). Cinco categorias foram definidas: Precisão, Independência, Pluralidade, Contextualização e Sensibilização:

- **Categoria Precisão:** examina a veracidade e a precisão das informações publicadas. Engloba os elementos dos princípios gerais do jornalismo do compromisso com a verdade, da lealdade ao interesse público, da disciplina da verificação e do dever jornalista com sua consciência, bem como uma das qualidades do jornalismo ambiental de evitar o sensacionalismo.
- **Categoria Independência:** estuda se houve problematização das responsabilidades do poder público frente às causas e efeitos dos problemas ambientais. Agrega o princípio geral do jornalismo de ser um monitor independente do poder.
- **Categoria Pluralidade:** pesquisa o espaço dado no âmbito das reportagens para as manifestações das diversas vozes envolvidas na questão ambiental. Abrange os princípios gerais do jornalismo de promover um fórum para a crítica e o comentário público e da independência das fontes, e ainda as funções: social, informativa, político-ideológica, cultural e econômica do jornalismo científico. Nessa mesma categoria incluem-se as qualidades da diversidade de fontes, de abrir o espaço para o debate e o caráter revolucionário e engajamento do jornalismo ambiental.
- **Categoria Contextualização:** especula a contextualização das causas e consequências das questões ambientais e suas implicações sociais, culturais, econômicas, ambientais e políticas. Reúne as qualidades inerentes ao jornalismo ambiental de procurar evitar a fragmentação da cobertura e não resumir tudo às questões econômicas.
- **Categoria Sensibilização:** investiga a utilização do espaço das reportagens para noticiar fatos ligados à questão ambiental e sensibilizar a

população para a necessidade de tomada de decisões esclarecidas. Congrega o princípio geral do jornalismo de apresentar o significativo de forma interessante e relevante, a função educativa do jornalismo e qualidade de procurar aliar jornalismo e educação do jornalismo ambiental.

Estando definidas as categorias de análise, será implementado um formulário abrangendo questões com o intuito de investigar se as reportagens contêm os elementos categorizados com base nos princípios do jornalismo e de seus subgêneros ambiental e científico em seus conteúdos. As questões serão elaboradas e repartidas seguindo os elementos temáticos de cada categoria.

CATEGORIAS	PRINCÍPIOS	CONTEÚDO	PERGUNTAS
Precisão	<ul style="list-style-type: none"> • Compromisso com a verdade • Disciplina da verificação • Função informativa • Evitar o sensacionalismo 	<ul style="list-style-type: none"> • Verificar se a cobertura foi precisa em relação aos fatos noticiados e se houve ou não sensacionalismo 	<ul style="list-style-type: none"> • A que se refere a matéria? • O texto das matérias possuem verbos no futuro do pretérito (seria, deveria, iria, etc.), expressões como supostamente e provavelmente ou verbos no gerúndio (investigando, apurando, etc.)?
Independência	<ul style="list-style-type: none"> • Independência das fontes • Ser um monitor do poder • Lealdade ao interesse público • Função político-ideológica • Independência em relação às fontes 	<ul style="list-style-type: none"> • Analisar se as matérias atenderam aos interesses públicos e se prestaram ao papel de monitorar o poder 	<ul style="list-style-type: none"> • A reportagem questiona o poder público a respeito da questão ambiental e/ou científica? • Mostrou aos leitores quais seriam as responsabilidades do poder público?

	<ul style="list-style-type: none"> • Dever com a sua consciência 		<ul style="list-style-type: none"> • A matéria se limita a apenas uma fonte?
Contexto	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentar o significativo de forma interessante e relevante • Evitar a fragmentação da cobertura • Nem tudo se resume a questões econômicas 	<ul style="list-style-type: none"> • Analisar se as matérias cumpriram com o objetivo de oferecer conteúdo de qualidade voltado aos interesses do público 	<ul style="list-style-type: none"> • A reportagem apresenta as causas históricas do problema ambiental? • As matérias de cunho científico têm os termos traduzidos para o entendimento do público? • A matéria correlaciona o problema ambiental e as questões econômicas, políticas ou culturais?
Sensibilização	<ul style="list-style-type: none"> • Função educativa • Função cultural • Caráter revolucionário e engajamento • Procurar aliar jornalismo e educação 	<ul style="list-style-type: none"> • Verificar se o conteúdo das reportagens busca desenvolver um caráter social procurando conscientizar o público da importância da cultura nacional 	<ul style="list-style-type: none"> • A matéria procura educar o leitor a respeito das questões ambientais e descobertas científicas? • A matéria mostra ao leitor como se deve agir diante dos problemas citados e quais os seus efeitos? • A matéria consegue mostrar para o leitor como a questão ambiental ou conhecimento científico afeta o seu cotidiano?

Pluralidade	<ul style="list-style-type: none"> • Promover fórum de debates • Função social • Diversidade das fontes • Abrir espaço para debate 	<ul style="list-style-type: none"> • Verificar se as matérias cumprem com o papel de proporcionar uma discussão através de indagações dentro das próprias reportagens fazendo com que o público questione o que está acompanhando 	<ul style="list-style-type: none"> • Qual a natureza das fontes? • Caso sejam pesquisadores, quantos pesquisadores da área ambiental e científica foram questionados para a produção da matéria? • Quantas opiniões científicas são apresentadas? • Quais vozes tiveram espaço na construção da reportagem?
--------------------	--	--	---

Quadro 1: Categorias de análise e questões do formulário de análise das reportagens
Fonte: Roteiro feito pelo pesquisador/2018

Através da análise de conteúdo das reportagens, será possível elaborar um quadro sobre a cobertura perante os princípios do jornalismo e dos seus subgêneros ambiental e científico, assim como discernir os atores sociais implicados na produção das notícias (jornalistas). Os resultados desse estudo atingidos como consequência da análise de conteúdo das reportagens serão ponderados baseados no nível de esclarecimento das narrativas jornalísticas sobre meio ambiente e ciência e o cumprimento dos princípios guiadores do jornalismo ambiental e científico, reunidos em cada uma das cinco categorias de análise. Seguindo esses dados, procuraremos realizar implicações sobre a qualidade da informação que chega até os leitores de um dos principais jornais online do Nordeste do País e, por conseguinte, se a cobertura jornalística foi capaz ou não de contribuir para que decisões esclarecidas fossem tomadas por parte dos moradores de uma das principais capitais desta região sobre o que diz respeito a problemas ambientais e suas consequências.

4. Considerações

O objetivo geral deste paper é mostrar os resultados parciais alcançados em pesquisa desenvolvida pelo Grupo de Pesquisa Comunicação, Cultura e Amazônica – Trokano. O propósito se compõe da análise da cobertura feita pelo jornal online “Diário

de Pernambuco” sobre ciência e meio ambiente. Conseguimos atingir três dos cinco objetivos específicos colocados: a) definir a questão ambiental; b) determinar os princípios norteadores do jornalismo e seus gêneros científico e ambiental; e c) desenvolver um auxílio metodológico apto de permitir a análise da referida cobertura.

No capítulo da introdução, expomos a caracterização da questão ambiental, entre outras coisas. A fundamentação teórica traz os princípios gerais que norteiam a atividade jornalística, sua função social nas democracias e as funções e características dos gêneros jornalísticos ambiental e científico. A descrição metodológica apresenta o objetivo, o corpus e o método do estudo ao mostrarmos como a análise de conteúdo será usada para verificar a qualidade da informação jornalística divulgada pelos jornais pesquisados, como foram escolhidas as categorias de análise e a elaboração de um formulário que será usado na análise das reportagens.

No relatório final deste estudo, alcançaremos os dois últimos objetivos específicos: d) realizar a análise das narrativas jornalísticas; e e) exibir os resultados da análise problematizando-a a luz dos princípios norteadores do jornalismo ambiental e científico.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa/Portugal: Edições 70 LDA, 2010.
- BUENO, Wilson da Costa. **Comunicação, jornalismo e meio ambiente: teoria e pesquisa**. São Paulo: Majoara, 2007.
- BUCCI, Eugênio. **Sobre Ética e Imprensa**. São Paulo: Cia da Letras, 2000.
- CHAPARRO, Manoel Carlos. **Linguagem dos conflitos**. Coimbra: Minerva, 2001.
- FONSECA, André Azevedo da. Água de fonte só: a magnitude do problema em um experiência concreta. In: BOAS, Sérgio Vilas. **Formação & informação ambiental: jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus, 2004.
- GERAQUE, Eduardo. Jornalismo e ecossistemas parecem (mas não são) elos perdidos. In: BOAS, Sérgio Vilas. **Formação & informação ambiental: jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus, 2004.
- IVANISSEVICH, Alícia. Como popularizar a ciência com responsabilidade e sem sensacionalismo. In: BOAS, Sérgio Vilas. **Formação & informação científica: jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus, 2005.

-
- KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo**: o que os jornalistas devem saber e o público exigir. São Paulo: Geração, 2003.
- MELO, José Marques de. **Estudos de jornalismo comparado**. São Paulo: Pioneira, 1972.
- MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de. **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.
- MORETZSONH, Sylvia. **Pensando contra os fatos**. Rio de Janeiro: Revan, 2007.
- PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.
- SANTOS, J.M. **O que é análise de conteúdo**. São Paulo: Summus, 1997.
- SOUSA, Jorge Pedro. **As notícias e os seus efeitos**. Coimbra, Minerva, 2000.
- SCHARF, Regina. Economia sustentável é utopia, contradição ou lucro certo? In: BOAS, Sérgio Vilas. **Formação & informação ambiental: jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus, 2004.
- TAUTZ, Carlos. Oxigênio para a energia: entenda a ideia de um “jornalismo para o desenvolvimento”. In: BOAS, Sérgio Vilas. **Formação & informação ambiental: jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus, 2004.
- WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 6ª ed. Lisboa: Presença, 2001.